

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--30 de Maio--1929

sempre  
**SIXO** SES  
ANOS

**4.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre

**158**



**fixe** semanário  
humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

## SEVILHA-BARCELONA



O «sempre fixe» ainda é Rei Arcaico das Exposições de Sevilha e Barcelona, um Monarca todo «fixe» que faz girar os americanos em torno da Giralda e embala os francezes no berço de Berçolona.



# Os ditos da semana



**Dr. Assuero** Como nos e muita gente se riu quando apareceu a primeira noticia sobre as curas maravilhosas do dr. Assuero. Depois os medicos começaram a magiar no caso. Ao contrario do que fez o dr. Assuero, que mete o dedo no nariz dos outros, os medicos meteram o dedo no proprio nariz, naquele gesto caracteristico do *Oh. escolas semeae* e puzeram-se a pensar:

— Quem sabe se aqui que está o busilis?

Alguns, mais superficiaes, puzeram de parte as suas pesquisas, concluindo:

— Não me cheira. E como havia de cheirar-lhes, se eles tapavam o nariz com o indicador?

Mas outros mais persistentes continuaram as investigações, fizeram experiencias, aventando que se o proprio medico espanhol se chamava Assuero, era porque o destino tinha querido estabelecer alguma relação entre ele e o verbo *assoar*, que é uma coisa que se faz ao nariz e, seguindo a *pista*, chegaram á conclusão de que o Dr. Assuero tinha razão.

— Ora assoem se lá a esse guardanapo, dizia o Dr. Assuero, com os seus botões.

E a medicina ficou de nariz a banda.

Estamos, pois, em face dum caso absolutamente verificado. As curas realisam-se com a rapidez dum tostoro. E' só questão de ir ás ventas ao doente. Razão tinham os nossos antepassados quando estabeleceram o tabete, o borracho nas ventas, o pontapé nas trombas, como remedio eficaz contra certos males e assim se compreende que o elefante gose uma saude de ferro. Com umas ventas daquelas ha sempre um vasto campo de operações.

E agora que a humanidade rejubila, que os doentes exultam estendendo os narizes supplicantes para as mãos de todos os doutores mais ou menos assueros, um veu de tristeza desce sobre a cabeça dum

amigo nosso, atacado de doença grave, por ser um dos poucos em quem não pode operar-se o milagre, por falta de materia prima. O nosso infeliz amigo, além de sciatico, reumatico e vinhatico... uza o nariz á *garçonne*, desde que uma terrivel doença lh'o devorou. Não tem nariz!

**João de Deus** A Comissão do Monumento a João de Deus, não sabe onde ha-de colocar o monumento ao grande Poeta, ao grande apostolo da Instrucção, que inventou o melhor, o mais simples e o mais racional metodo de leitura.

O *Sempre Fixe* vae tirar a comissão de embaraços. O monumento a João de Deus deve colocar-se no Ministerio da Instrucção a ver se alguém se lembra de que, havendo a «Cartilha Maternal», não ha que pensar em novos meto-

dos de leitura mais ou menos idiotas, pelos quaes não se aprende coisa alguma.

**Os tapumes** Ha, nos carros electricos, um distico impresso que diz: «Pe-de-se aos srs. passageiros a fineza de facilitar a entrada e saída nos carros».

Este pedido dá uns certos resultados. Efectivamente toda a gente procura faciliiar a entrada e saída dos passageiros. Mas quando se nos depara uma barreira invencivel, quando se encontra um campo obstruindo a passagem, já se sabe que é sempre um empregado da Companhia que, julgando se em sua casa e não se considerando passageiro, vae lá dizendo de si para si:

— Pois, sim, rala-te. Eu cá não sou passageiro... Aquilo não se entende comigo.

A Carris tem o mau sestro dos tapumes. Onde não pode

colocar um machibombo como o da Calçada da Gloria, paga a um empregado para fazer de tapume. E a gente paga-lhe.

**Lei apagada** A America promete promulgar, sobre a lei seca, que proibe o uzo de bebidas, a lei que proibe o uzo do tabaco, a que nós chamaremos a «lei apagada».

Quem não bebe não tem necessidade alguma de fumar. A água e vamo-nos. Depois virá a lei que proibe comer e não virá mais lei nenhuma proibitiva, porque quando não se come, não se bebe, nem se fuma, tambem não vale a pena fazer mais nada.

**Linha de cintura** As mulheres mudaram a linha de cintura. A cintura subiu e com ela devem subir as saias. E assim se itudem os maridos que, fartos de ver despir as mulheres, impuzeram o seu veto á cara metade:

— Você não torna a cortar a saia.

E não certam, mas puxam-as para cima.

A questão é que se vejam as pernas porque a mulher já compreendeu que neste seculo de velocidades, de taxis e de aviões, as saias compridas eram um empecilho. Ai de nós, que não seremos capazes de nos aguentar nas curvas. E' tudo uma questão de estrategia.

Foi já por causa disso que se estabeleceu a linha de cintura de Lisboa.

**Ceramica** Jorge Pinto expõe no Lopes Florista, do Chiado, os seus azulejos e taianças portuguesas, da ceramica Arcolena.

Felicitemos o artista que faz coisas de Arcolena e do arco da velha.

Aquilo é outra loiça.

## ROQUE DA FONSECA



— Oh! Tem os olhos da mãe.  
— E a cabeça do avô.  
— Tenho, tenho, e as calças do papá.

Uma boa noite com fados só no Solar da Alegria

A influencia dos barrotos na administração dum grande jornal, ou uma intelligencia que se divide em varios ramos...



— Quere ficar, sempre, com os livros de pontos que te compraram.  
— Claro! Eu quero contos farralhões.

Fados, com boa assistencia só no Solar d'Alegria.

# TEATRO

## «RETROZ DRETO...»

### CARLOS SANTOS

ESTE verão, já o dissemos, vamos ter uma verdadeira epidemia de revistas. Até no C. dos R. se vai representar uma *feerie*... E no teatro J. de A., lá para as bandas do Rato, também subirá outra á scena...

Só por loucura... Senão vejamos o que está anunciado:

No Maria Vitória: Revista «Chá de Parreiras»;

No Politeama: Revista «Charivari»;

No Gimnasio: Revista «A Cova da Piedade»;

No Trindade: Revista «Manda quem pode»;

No Joaquim de Almeida: Revista «Exposição de Sevilha»;

No Coliseu: Revista «Feerie»;

No Apolo: Revista «Bota de Elástico» (?)

Isto sem contar com o Avenida, onde já se disse que ia também uma revista, e o Maria Vitória, onde, a seguir á peça de abertura, se pensa neutra...

Haverá mais teatros... Ha, mas felizmente — neste caso — estão funcionando como cinemas... De contrario, teríamos mais revistas em perspectiva...

A PEÇA com que o Chaby reaparece em Lisboa intitulase «Un trou dans le mur».

Parce trou. Então o Chaby cabe num trou?

Que valentissimo trou deve ser...

CONTAM-NOS o seguinte:

Durante a época de inverno, houve um comerciante que se meteu a emprezario — emprezario, não é bom — emprezario de dinheiro para uma exploração teatral... Tanto emprezario... que ia ficando de *larga*.

Um dia, um amigo, conhecedor do caso, passou-lhe á porta da loja. Olhou para a montra onde estavam umas gravatas e parou. O dono viu e perguntou-lhe:

— Queres alguma?

— Quero, mas são caras; cinquenta mil reis.

— Ainda cá. Para ti são a quinze. Esou a ripudiar...

A AFRICA começa a seduzir os nossos artistas. Julgam que é o novo Brasil. Já estão anunciadas duas companhias. Duma delas fazem parte cinco pessoas da mesma familia... Cinco artistas, entre homens e mulheres. O teatro, agora, parece que se transformou em lar domestico. O pior é se a harmonia não é como deve ser... ou é como costumam ser os seios familiares...

A outra tem á frente a figura de D. de M., *redette* conhecida de revista e ha tempo afastada do contacto com o publico.

Vão ambas á procura de dinheiro?

Não. Vão á procura de trabalho, o que é triste dizer...

AQUELA bizarna do C. dos R. continua a encher-se todas as noites. Certos emprezarios teatraes andam *desertos* para que acabe a época lirica. Atribuem-lhe a falta de publico nos seus teatros. Um deles, ao ver anunciada a festa da cantora Mercedes Capzir, disse:

— Desta lá estamos livres. Agora faltam as outras e os outros capstrem embora também.

Respondeu-lhe o secretario da empresa:

— No fim do mês, ao menos, Tu doandou para fóra...



De bem com Deus e com os «Santes», transfermará o Politeama no dia da sua festa num ceu aberto, em fervoroso culto á sua cultura e inteligencia artistica...



O actor Santos Carvalho (de Porto) no seu esplendido numero das adivinhas do «Diario de Lisboa»: «Qual é a coisa qual é ella?»

ESTA prestes a falecer aquele celebre *conjunto artistico* que se fez para salvar o teatro, da crise que vinha atravessando... Foi dar as ultimas ao Porto e vem despedir-se do publico de Lisboa na noite de sexta-feira.

E' um *conjunto artistico* que não deixa saudades em quantos o conheceram...

Depois da morte, é costume o elogio: — «Era tão boa pessoa... Que excelente caracter se perdeu... Não volta cá outro assim... Nunca soube ser apreciado...»

Dizem-nos aqui do lado, que o falecido era ilheu e, como tal, devia dar coice depois de morto...

Sem ofensa para os naturais das ilhas... aqueles tem-nos dado mesmo vivos...

CHEGOU a Lisboa o E. B. Começou já a mostrar as luvas e a bengala no Chiado...

Quando veremos a companhia a trabalhar em Lisboa? Não é sem tempo. Basta de tanta viagem... Para se viver em Lisboa, será preciso ir á provincia e ás ilhas amudadamente?

Parce a frase daquele condutor dos electricos:

— Quem quiser cuspir cá dentro tem que ir lá fora...

O PUBLICO do T. A. pegou no garoto da Ribeira e no tio das Taipas e mandou-os novamente para o Porto.

Cada um na sua terra. Devolvem os ao rentente...

FOLGAMOS em que a actriz-cantora A. E. tivesse emprestado uma certa alma á revista do T. da T.

Ainda antes da peça ir á scena, aconselhamos a empresa a incluir no elenco, artistas do genero que se ia explorar.

O nosso conselho foi ouvido... ainda que tarde...

AFINAL, a musica de quem é? O compositor retira ou não a partitura?

A Rosa será novamente engolfada? Estas perguntas fazem-se nos theatros teatraes.

Quem lhes responde?

OS jornais vem annuncando a proxima representação da força «O tigre de Bengalia», no T. N. Os dois autores — rapazes amigos e dos chamados bons — preparam varias surpresas na sua interpretação. Ouvimos falar em araras, chimpanzés e ur-s... que vão também entrar no desempenho.

Já vimos, no teatro, cambalhotas, só nos faltava ver um Jardim Zoologico...

COMEÇA a organização da época de verão...

Ha artistas que andam em bolandas. Dum, sabemos nós que já foi convidado para três companhias...

Onde irá parar?

No entanto, ha outros, menos afortunados, que não tem que comer em casa...

A vida é, realmente, ingrata...

O Homem das 3 horas

No Solar da Alegria canta-se o Fado...

# Curiosidades

Em Varios países, entre eles a Jugoslavia, ha o curioso e simpatico costume de dormir quando se tem sono.

\* \* \*

Em Praga publica se um jornal humoristico que nunca se mete com as sogras, que são uma praga.

\* \* \*

Madrid é a unica cidade do globo cujos habitantes se chamam madrilenos.

\* \* \*

Lisboa está nas mesmas condições, com a diferença apenas de que os seus habitantes, em vez de madrilenos, são lisboetas.

\* \* \*

Em Lisboa ha electricos — embora muito poucos — para o Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro não ha electricos para Lisboa.

\* \* \*

Com a exposição de Sevilha, a nossa cidade de Lisboa é tal qual aquelas mulheres que só lavam a cara quando esperam visitas.

\* \* \*

Talvez ainda ninguem reparasse nisto por Lisboa, por causa da exposição andaluza, tem passado tantos turistas, tantos, que a gente nem os distingue...

\* \* \*

Paris é a capital da França. Se isto não é novidade para muitos portugueses, certo é para quasi todos os franceses que Lisboa é a capital de Portugal.

\* \* \*

Em Portugal e no Brasil, a um homem sem uma mão chama-se maneta e a uma pessoa que não veja, cego. Em França, aos cegos chama-se *aveugles* para evitar confusões.

\* \* \*

Em Angola ha o curioso habito de os pretos casarem com as pretas e vice-versa.

\* \* \*

Embora isto pareça estranho, um quilo de palha pesa tanto como um quilo de chumbo.

# A "toilette" de meu tio Garrido

O meu tio Garrido tambem era fresco. Com os seus sessenta anos, muito bem puxados, muito esticadinhos para trás, ainda fazia das suas. O chinó era um primor de execução. A pintura do bigode enganava o mais pintado, e a arte com que ele sabia passar, ora por novo, ora por velho, segundo as conveniencias, era o segredo principal das suas felizes aventuras. As mulheres adoravam-o, e quando não tinham faccias para contar, attribuiam a esse extraordinario meu tio toda a doida fantasia das suas maluquices femininas.

Reunia ainda meu tio, além destes predicados, um geito especial na arte de vestir. Neste particular, era de uma exigencia levada ao cumulo. Nunca vi ninguem mais exquisito.

O cuidado que ele punha nas luvas, no geito do m-noculo, nos punhos e até nas ligas que lhe seguravam as meias...

Em geral, era eu o confidente e o cumplice das suas aventuras femininas. Como era muito amigo do meu tio, naturalmente, além de cumplice, era tambem seu ajudante, porque, apesar de tudo, o meu tio não chegava para as encomendas. Ora, devido ás singularidades de *toilette* de meu tio, eu conhecia as suas amantes pela roupa e pelos adereços que ele escolhia.

Saia de luvas amarelas? Ja sabia, ia ter com a Olga. Levava polainas brancas? Ia direitinho á Carolina... Perfumava o lenço com... o tal perfume? Tinha encontro com a Teresa...

— Tu hoje saís á noite? — dizia o meu tio, sacudindo a cinza do charuto.

Era a sua frase predilecta, quando

queria associar-me ás suas aventuras. — Fico a lér — respondi.

— Bem, saís então de madrugada... E' melhor para ti... Deixa-te pois ficar em casa, posso precisar de ti para alguma coisa.

Sorriu, ofereceu-me dinheiro para as minhas pandegas, e disse: — Possivelmente até logo.

Aí pela meia noite, batem á porta do meu escritorio.

— Um recado de seu tio. Está já em baixo, no automovel.

Era o nosso criado de confiança. Abri o bilhete que meu tio fizera chegar ás minhas mãos.

Era simplesmente este pedido: «Manda-me, o mais disfarçadamente possível, uma das minhas camisas de dormir.»

Satisfiz o pedido com aquela discreta sciencia que dá o habito.

\* \* \*

Ah! Mas desta vez succedeu uma coisa bastante extraordinaria.

As quatro horas da manhã, quando eu ia a sair da casa, parou um automovel á nossa porta. Alguem, da almofada do *chauffeur*, chamou pelo meu nome.

Era um amigo meu e companheiro de pandega de meu tio.

— Ainda bem que o encontramos. Que feliz coincidência. Venha ajudar-me a levar o seu tio para a cama. Vem mais bebido de que um cacho.

Abrimos a portinhola do carro e recuei espantado, receando depois metter de riso. Dentro do carro, meu tio appareceu-nos na mais extraordinaria *toilette* que lhe conheci em toda a sua vida. Estava de chapéu alto e de camisa de dormir... em cima da casaca.

**CASA DAS SORTES GRANDES**

Bilhetes a : 100\$00  
 Vigintissimos a : 1\$00  
 Quadragessimos a : 50¢

Letaria de Santo Antonio - 1.º premio 3.000 contos.

Bilhetes a : 500\$30  
 Quadragessimos a : 21\$00

Pedido: a José Pe'ro - 173-Rua Arco Bandeira-173 - (Pelo correio mais 1 esc.)



— E que é isso da lei seca?  
— E' que não te deixam molhar a garganta, e se encontram molhado te deixam seco.

Quer bem passar uma noite agradável, só no Solar da Alegria.



DO DIARIO DE LISBOA A SEVILHA PELOS PINHELOS ou um terrible... exito de livraria

# Coisas que o povo diz..

*Cautela e caldo de galinha não fazem mal a doentes...*  
Nem sempre por vida minha! Ha doencas tão diferentes!... Quanto doente, coitado, não é vulgar encontrar que ficará em mau estado se um simples caldo tomar. Lá cautela, isso está bem, nunca é demais em ninguem. Cautela, toda a que venha! E muito principalmente que toda a cautela tenha nos medicos o doente...

*A bom entendedor com meia palavra basta!*  
Este meu querido leitor tambem é de bem má casta! Que o leitor é talentoso é coisa averiguada, vou eu e digo-lhe «toso» viu que não percebeu nada! Assim se eu lhe disser «cigan» e aqui paro ou me esbarro. Haverá alguém que diga que lhe pedi um cigarro? Se por crina disser «cria», julgarão que imita um grilo. Se por fritar disser «frib», que o frio está a afligir-lo. 'Té podem resultar logo disto bem graves conflitos, por fogueiro digo «dogo» e começa tudo aos gritos. Quer o chapéu e diz «chas» que na bandeja lhe trazem! O leitor que julgará? Que grande troça lhe fazem. Se por peixe disser «peis» ou por merca disser «mera», nada me admirarei se mau resultado dêr. Você compra uma passagem para ir a Malta, ao Natal. Digo-lhe eu: Nossa viagem oxalá que passe «Mab»?... Finalmente isto termina por querer saber que me chama se eu disser: duma menina eu já sei que vai ser «ama»?...

*A' terra onde fôres ter fazes como vires fazer!*  
Se vires roubar, roubarás!  
Se vires matar, matarás!  
Se fôr lá uso a cara não lavar, tens que os imitar.  
Se senhora tambem se não usar... Deixa-me calar, não me venha a sair asneira grossa desta inocente troça!...

El.

**Rasyn**

Os representantes em Portugal do pó insecticida «Rasyn» tiveram a gentileza de enviar-nos algumas caixinhas deste produto, para que o experimentemos.

Já começámos hoje as experiencias. Esperamos, todavia, pelo dia de amanhã para, com a maior precisão possível, dizer aos nossos leitores o numero de insectos que o «Rasyn» conseguiu matar.



*A mulher:* — Não levas guarda-chuva, quando o barometro anuncia chuva para hoje.  
*O astrónomo:* — Pois sim, mas não me doí o calo.

Uma noite com galan-das e fados só no Solar da Alegria

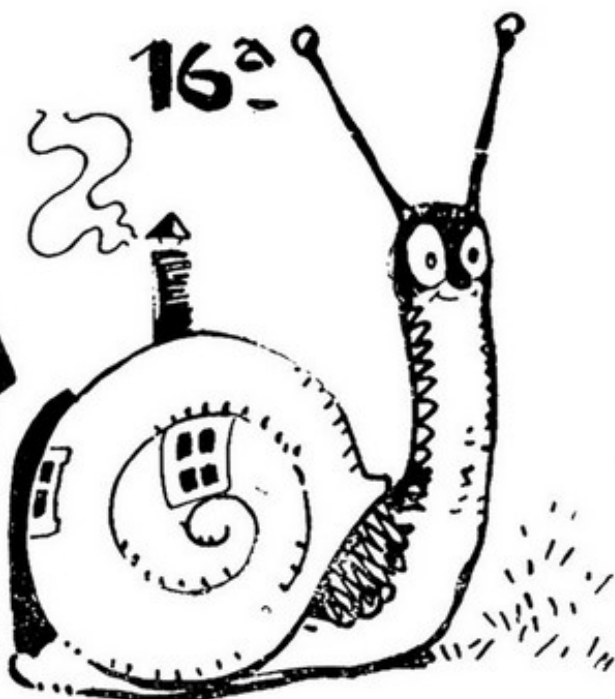
# As adivinhas populares do "Diario de Lisboa"

15ª



— Ora o fedelho! Tão pequeno e faz "uma bulha infernal quando se desespera"! Que faria se fôsse do tamanho dos meus!

16ª



— Crise de habitação?! Façam como eu, que estou livre do Sr. Carvalho da Silva.

17ª



— Faço chorar, mas vingam-se de mim, trincando-me. Em ave assados me metem!

18ª

Quem a vê não cobra animo



19ª



— Sou de tres esquinas. Dou-te felicidade, leitor. Apanhas o Essex ou as 100 libras, com certeza.

20ª



— Porque será que dão o meu nome a este ornamento capilar? Não se parece nada comigo...

## Um "Niño" que já está um "Homensiño" ... e "gordião"

O «Niño» que, domingo ultimo, vimos no Campo Pequeno, já está um

como quem dá por si o festejado que lhe pagou. Isto dum «niño» dar homem por si, ainda que o homem seja o Nuncio, não é motivo para deitar foguetes...

bo e outros atrás daquele — lembrámo-nos do jogo de cartas que con-

que não admirei menos o valente D. Alexandre naquele ferro de meio palmo. Porque, se o primeiro pôs um par, de cinco palmos, isto é, de dez palmos, o segundo pôs um palmo apenas.

E se os homens não se contam aos palmos, nisto de cravar quem menos palmos põe mais razão tem.



«homensiño» e até muito gordião. O «Niño de le Palma» que, por vezes, é da Palma...toria, pouco fez com o capote, esteve infeliz com as bandarilhas e, provando que «é de Ronda e se chama Cayetano», em nada aumentou a sua fama nas «faienas» de «muleta».

Claro que não justificou as «brincas» dos entendidos do sol, daqueles que berram «arrimata» e «con la enquerda», e fingir que são espanhóis. Mas não vemos também o motivo do entusiasmo dos da sombra, como não seja o agradecimento pelo gesto teatral do «Niño», indo buscar o João Nuncio á porta do cavaleiro, assim

Isto dos forcados não me convence! Para que hei de eu estar com eufemismos?

Mas uma coisa é não gostar daquilo como «aficionados» e outra é negar a valentia e a união dos rapazes do Edmundo.

Quando eles, ha tempos, começa-



siste em fazer cair uma e, com esta, todas que se lhe seguem.

Mas, como os rapazes do Edmundo são valentes, não só não caem nessa de cair, como até se aguentam muito, ali na cabeça do bicho, uns em cima dos outros, para fazer mais peso.

E, se falha de cara, vai de costas, ali, sem mais demoras.

E se na cernelha falta o rabejador, lá está o Agostinho Coelho, que é tão valente como os do Edmundo e sabe onde se terce a «pombinha».



ram com aquele processo de pegar em série, isto é, um forcado atrás do ca-



Por isso, se demos palmos ao João, mais palmos demos ao D. Alexandre.

Perez la chaise.

Confesso que admirei o finíssimo Nuncio naquele par de bandarilhas a duas mãos, mas confesso também

# Questão singular no plural

Junírio Matos, empregado na loja de modas do sr. Cesário Tagarço, era muito activo e zeloso pelos negócios da casa, e sobretudo especialista na arte de tornar elasticas as fazendas, rendas e outros objectos, existentes numa loja de modas, susceptíveis de se medirem... e venderem. Em suma, era o empregado ideal.

O sr. Tagarço, como é natural, gostava imenso do seu empregado, visto possuir tão preciosos predicados. Mas não ha formosa sem senão—notava-lhe um defeito que, na sua opinião, não se coadunava com as suas ideias guardando, no entanto, as suas reflexões para si.

Esse defeito consistia em o Matos se arrogar um direito que não lhe pertencia, ou seja—exprimindo mais claramente—o de falar na primeira pessoa do singular, quando se referia ao estabelecimento ou as mercadorias nele existentes ou a existir. E assim, o manifestava com os fregueses, quando lhe perguntavam, por exemplo: —Tem floridas?

—Tem, sim. E a que tenho e duma formosa que mudou vir, ha pouco tempo, e que, além de ser melhor, do que a que tinha, vendio mais barata.

Com esta e outras frases identicas, respondia o Matos aos fregueses, sempre sozinho e atendido.

Ve que tra diu o Tagarço—não podendo conter, por mais tempo, o furor tacito, que se nele tinha germinado, contra o seu empregado—o chamou de parte, e lhe observou:

—Sou muito teu amigo, como é o empregado que és, pois que tens uma certa vantagem para isto de responder a todos os fregueses, para nos continuarmos a dar bem, deves corrigir esse defecto que tens, e começares a falar—pelo menos, na primeira pessoa do plural, quando te referires ao estabelecimento ou a mercadorias que se encontram com ti.

Esta bem, padre. Por causa disso não te havemos de dar mal.

E, daí por diante, o Matos, com sempre a ventura do padre, ja dizia, ao responder a uma freguesia:

—Agora não temos. Mas, mandamos vir outra hoje, e amanhã poderemos mandar, o que a Ex.ª deseja, ha casa.

Ora, havia uma circunstancia, muito bem sentida, nem que o Matos se chamasse como se chama—que, nos que estavam ao estabelecimento com esse defecto.

Quando tinham, ao fim de um período de trabalho, que se a quem se chamava como se chama—de se sentar no meio.

Então o Junírio Matos, passadas umas semanas, quando, de as conversações dos amores da circumstancia se havia havido, chamou o Tagarço de parte, e como o seu caso se havia tratado como estabelecimento, veio a tratar-se duma circumstancia de trabalho.

Padre, eu estou muito feliz. E vou a ser um amigo com uma circumstancia. De agora da tua, de me com a tua, qualque dia, soumos por todos os naturalmente, obrigados a estar com ti, soumos, tivemos de fazer para nos fregueses d'isto para, que nos obrigas.

# Qual a coisa qual é ela?

1.<sup>a</sup>  
A pescada e como muitas raparigas que conheço. Que antes de ser ja o eram... E' tudo questao de preço.

2.<sup>a</sup>  
Se um velho e endinheirad Conquista dama de estado, Não q'rendo ser enganado, Tem que ter raça de gato.

3.<sup>a</sup>  
Menina que vais airosa, De olhar lindo e satisfeito, Dá-me esses botões de rosa, Que te despontam no peito.

4.<sup>a</sup>  
Faz dos teus labios *lasciava*, O' mulher de olhar cebleto, Para varreres dos meus labios Microbios que la apertados.

5.<sup>a</sup>  
A que tu me dora ser *poliga* E' atrevida como ela, Para andar sempre escondida Nas ligas de uma donzela.

6.<sup>a</sup>  
A tua *bieta*, n'agua, E' como a dentras mulheres, Mastiga, beje e coteja, Fazes dela tanto queijos.

7.<sup>a</sup>  
E' vir nas ruas da Beixa, Quando ha muita ventania, Com tanta duma caibada, Muita e muita *l'hamos*.

8.<sup>a</sup>  
Ponha no teu *searado*, Para te dar certo realdo, Mas não te faz essa compra, Quem te deixa que te cala.

9.<sup>a</sup>  
Só me incomoda uma coisa —Dizia um velho matreiro— A coisa que tenho *escrita* No rol do meu merceiro.

10.<sup>a</sup>  
Andas sempre na janella, —Diz a mãe— que *letha* a tua, Duabo da rapariga, Parece que anda co'a lua!..

11.<sup>a</sup>  
Eu não aprecio *queijo*, Mesmo o que é de boa lei; Faz-me lembrar a carca Duma carca que eu cá sei.

11.<sup>a</sup>  
Fui a Malra ouvir os *sinos*, Mas fiquei arrependido, Se não me passou depressa, Se calhar era *comidos*.

13.<sup>a</sup>  
Uma vez com a *voia* Não toquei em outra linha, Pois quando lhe quiz pôr contas, Se encontrou pra *foia*.

14.<sup>a</sup>  
O teu despojo, mulher, E' o da *abellha* dourada, Das o mel da tua boca E o *zangão* não te dá nada.

15.<sup>a</sup>  
Dez um *tipos* a uma fulana, Enta' d'ago como um *fole*: —O' filha, não queira *beijos*, Se se *for* no *dente* póde!

16.<sup>a</sup>  
Apesar de *barca*, Tenho pausinhos, está bom, Não tenho desgosto algum, Ha tanta gente que os *tem*.

Rutratram.



—Tenho muita pena, mas os cães não podem viajar nos carros. —Mas isso é rão os cães. Esta é uma cadeira que até se chama Bibi ..

# MARIA ROSA

Maria Rosa não terá um passado tão grande como a nossa terra. Tem, todavia, muitos passados.

Não terá uma historia brilhante. Mas tem a sua historia e alguns brilhantes.

Vamos, pois, fazer a historia, mas não julguem que a Maria Rosa não é filha de boa gente.

O pai era um honrado sapateiro da nossa praça que fazia a inveja dos colegas, porque nenhum botava meias solas com tão pouco dispêndio de cuspo.

A mãe tocava encantadoramente piano de joelleira e lavava toda a roupa, sem auxilio de barrelas, em casa duma velhota adoentada. Era uma virtuosa senhora. E, se não fora certas coisas com um senhor lá da freguesia, teria ganho o céu. Juro-o!

A filha, a Maria Rosa, fazia compras e punha as solas de molho. Tantas compras fez, tantas, na mercearia do lado, que um rapaziño todo tirado das canelas e que mais tarde se formou em mercearia, no habito de roubar—furtou a filha a mãe.

E a pequena continuou a ir ás compras...

Até que um dia, até que um dia appareceu como se tivesse comido a mercearia em peso...

—Que desgosto! Que desgosto!—dizia o sapateiro.—Mato esse ladrão!

Mas no fundo, bem pensado e a uns conselhos da mulher, o pobre não matou e o desgosto foi-se breve.

Passaram-se meses. O pai não deixou mais solas. A mãe não lavou mais roupa. Vieram sedas e veludos. Casa na Alta e automóvel.

O certo é que Maria Rosa tem causado a paralisia das algibeiras de muita gente e de tal sorte que nem o dr. Asnera, de San Sebastian, nem qualquer A. Soares, de S. Sepastião da Pedreira—conseguira a cura da doença.

Ha dias, numa casa de chá, vi a Maria Rosa. Viva e sozinha.

A pequena filha da lavadeira falava dos seus antepassados. Dos pergamibos, do braço da familia.

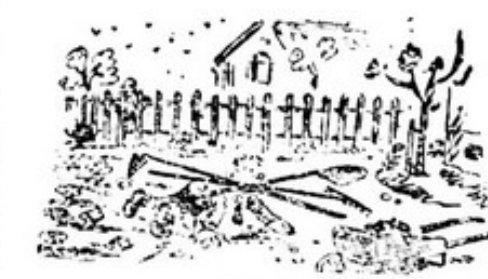
—O meu braço...—dizia ella.

—O seu braço... foi um grande actor!—disse a besta duma criada.

Ora esta Maria Rosa, que tem muitos passados, define o passado de muita gente.

Se ha quem passe pelo passado só vendo o presente, as Marias Rosas lembram sempre a quadra do poeta:

Passaste e alguém tem centro de cavaço disse:—apuela quanta vez techei por dentro as portas do quarta dela.



Um momento que se exercita para quando algum dia se encontre numa ilha deserta.



A cadellinha:—O que me querera este pápo-sêco que ha tanto tempo vem atrás de mim?

# Quereis dinheiro?

Local no **Guma**  
Rua do Amparo, 51 — LISBOA  
Sempre sortes grandes!  
O Fado por Alberto Costa só no Solar da Alegria.

DESPORTOS

# O meu velho Praxedes

Ontem, ao cair da tarde, encontrei no Rossio o meu velho amigo Praxedes, que julga ter encontrado remédios para todas as nossas crises.

— Sobre o transitio, diga v. qualquer coisa. Todos os dias desastres. Isto pode evitar-se, não é verdade?

— Claro. Encontrei remédio. Os lisboetas poderiam dormir sossegados, se quizessem. A constipação das vias... publicas pode acabar. Basta que se determine o seguinte:

1.º — Nenhum veículo, seja de que ordem for, poderá circular em Lisboa;

2.º — Todo o peão que for encontrado nas ruas da capital será imediatamente preso e, em seguida, morto...

— Sobre a carostia da vida?

O meu velho Praxedes retorquiu com o melhor dos sorrisos:

— E' muito facil a sua resolução. Se eu fosse ministro, mandava publicar o seguinte decreto:

1.º — A partir de amanhã, ninguém poderá comer;

2.º — Todo o individuo — h mem, mulher ou criança — que seja encontrado nas ruas com qualquer peça de vestuário no corpo, e botas, sapatos, alpargatas, chinélos, etc., nos pés, será preso e julgado no Tribunal dos Grandes Delitos.

Ete., etc.

E Praxedes, levando a sua sabedoria até ás altas questões das finanças, disse-me:

— E' como a questão da nossa moeda. Pode resolver-se muito bem, muito facilmente.

— Como?

— Ora essa! Publicando o seguinte decreto:

«Tendo-se verificado que não ha necessidade de comprar coisa alguma — é suprimido o dinheiro em todo o territorio da Republica.»

E Praxedes, apertando-me a mão, foi pregar a outra freguesia.

# Os sinos de Mafra

Em casas de bom humôr vai ano de boa safra, e este então é um primôr: quem é o Reformador dos sinos grandes de Mafra?

Não ha no caso — e é p'nal — nem autos nem escrívães dizendo a verdade plena, mas um nome veio á scena: Alfredo de Magalhães.

E eis começa a proçissão, que parece não ter fim, dos pais da reparação: o Magalhães, esse não; Francisco Lacerda, sim.

Mais veloz do que uma bala Adães Bermudes correu a tomar lugar na a'a: «— Deixem lá falar quem fala, o pai dos sinos sou eu.»

E ha de chegar o momento de nós sabermos, atônitos, que os sinos de tanto alento, são filhos de pais incógnitos, visto que estão no convento.

João Triste.



— Quem é esse peixe que está no tanto tempo a chorar?...

— E' um pobre orfão, minha senhora...

— Um orfão?... Pelo berreiro que ele está a fazer parece mas é um orfão.

# Considerações sobre o duelo

Após os desafios de domingo último, o campeonato nacional de *foot-ball* ficou circunscrito ás representações do Porto, Madeira, Caravelinhos, Moscadel de Setubal e termo de Lisboa.

Nesta competição vinicota o *match* Caravelinhos-Saigueiros foi amenizado com um *lunchesinho* oferecido ao arbitro pelo *médico centro* portuense.

\*\*\*

A *equipe* portuguesa de hipismo conquistou um belo triunfo na Taça de Ouro da Península.

Mes como está escrito que as nossas provas internacionais não hão de ser nunca em serie — a Taça de Honra do concurso de Lisboa foi levada por um chileno.

Os *footballistas* sorriem...

\*\*\*

O II Quilometro de Arranque foi uma prova tão interessante que, dois meses depois, ainda dá assunto aos jornais.

O seu ultimo êo foi uma pendencia suscitada entre dois concorrentes. A' hora a que escrevemos, não se sabe ainda se haverá duelo. Mas, se houver, provase que o desporto é como as corças — umas puxam as outras. Começa-se por uma corrida de automoveis e acaba-se numa prova de esgrima de espada.

\*\*\*

O duelo — diz uma enciclopedia — é um combate singular entre dois homens armados do mesmo modo e em presença de testemunhas.

Os *duelistas* são os *sportsmen* mais amáveis que ha. Não se batem por dinheiro, mas pela honra.

Tem-se tentado tudo para suprimir os duelos. Eu creio que o melhor processo seria o de fusilar as testemunhas. Porque no dia em que não houver testemunhas, não ha duelos.

\*\*\*

O duelo entrou em todos os meios, em todas as classes da sociedade.

Não é raro ver o marido e a mulher baterem-se em duelo muitas vezes por semana. Cada um usa a arma que pode. A mulher serve-se duma terrina, duma varroura ou dum solitário. O homem grina-se com uma bengala, ou então combate a punhos nus.

Estes duelos são paramente perigosos. Divertem a visinhança, fazem chorar os *vidios* e dão assunto ás porteiras. A reconciliação dos combatentes tem quasi sempre lugar entre as 21 e as 24 horas.

\*\*\*

Ha quem prefira os duelos á pistola. O batalho é maior — e o mal é, geralmente, menor.

\*\*\*

Mes o duelo mais sério é justamente o que tende a desaparecer entre

nós. Os seus terrenos gloriosos foram Alfama e Mouraria.

O Chico Sapateiro quer espetar o Carlos Marujo por causa da Micas Tricana. Durante uma partida de *lanchete*, o Chico diz umas coisas ao Marujo. Vem para a rua. Não ha etiquetas nem actas — apenas umas laminas que a lua faz brilhar. Um cão urva. Um corpo fica atravessado no passeio. Corre um fio de sangue pela valota. E a Micas Tricana dobra a espinha pelo braço do Chico — que é o seu campeão...

Rebola-A-3ola.

## Canção Nacional

### A Historia do "Foot-ballsinho"

O *foot-ball*, português  
Não tem nada que saber:  
E' andar com um pé no ar  
E outro no chão a bater.

Ja D. Afonso Primeiro,  
Afiçionado da bola,  
Quiz ter um campo pachola,  
Mas faltava-lhe o dinheiro.  
Só D. Afonso Terceiro,  
Por alguma *O Bolonhês*,  
Em Arcos de Val-de-Vês  
Um *stadium* edificou.  
Foi assim que começou  
O *foot-ball*, português.

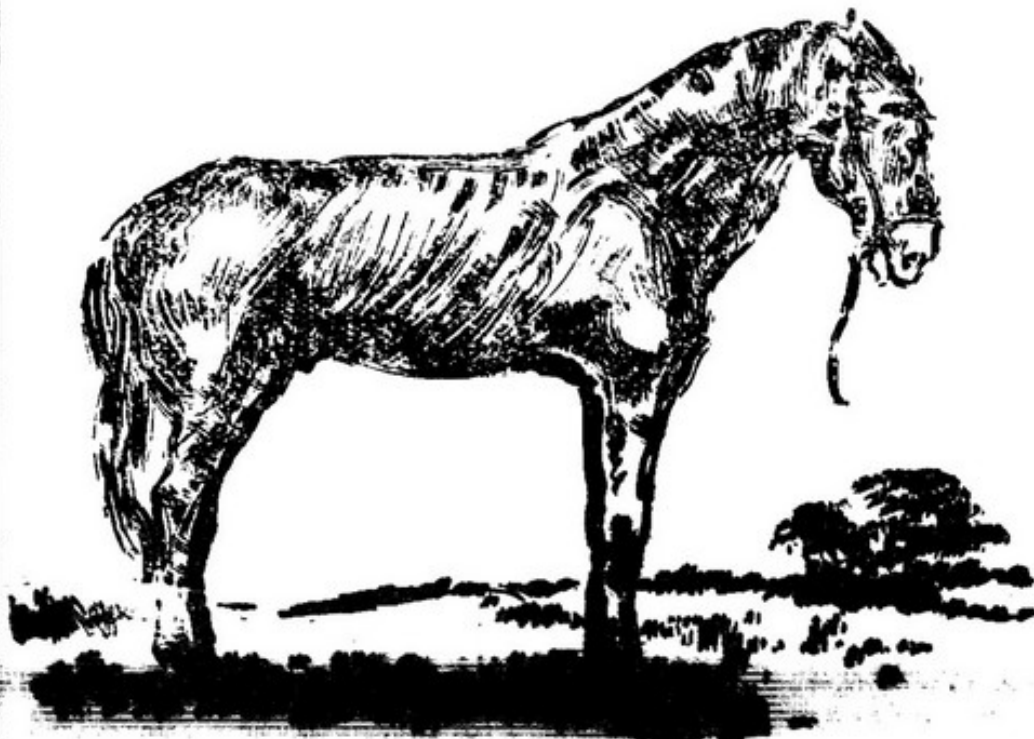
Aljubarrota! Essa gloria  
Em que o Grande Condestavel  
Fez um jogo formidavel,  
Arramando uma victoria!  
D. João, segundo a historia,  
Pesado já p'ra correr  
Vendo o *team* a esmorecer,  
Começou em altos brados:  
— *Metam goals*, avancados!  
Não tem nada que saber.

Mil seiscentos e quarenta;  
O João Pinto Ribeiro,  
Num jogo fino e rasteiro,  
Os espanhóis arrubenta.  
O grupo todo se aguenta  
P'ra afugentar o azar.  
E o João, sempre a jogar,  
Num acesso de furor,  
Diz p'ra o Miguel, o traidor:  
E' andar com um pé no ar.

Como vem, meus senhores,  
E' boa verdade o que digo:  
O *foot-ball* é antigo  
Nesta terra de s' amôres.  
Há de em dia os jogadores  
São como outr'ora, e de erôr.  
(Nem pode deixar de ser)  
Tem dois pés (mas botas)  
Um a receber as notas  
E outro na bola a bater.

Zé Maria.

## NO CONCURSO HIPICO



O cavalo de Tolentino: — Se eu não tivesse morrido, ainda fazia aqui uma perninha. O que os meus primos e as minhas primas afastadas tem mais do que eu tinha... é a mangedoura ás ordens.

# No meu barbeiro

Como não sou nenhuma riança imberbe — oh! quem dera! — por isso vou ao barbeiro cortar aquilo que cresce aos homens: a barba. E' claro que num barbeiro não se corta só o cabelo, corta-se também na casa do proximo, salvo honrosas excepções. Haia em vista app'lo o barbeiro que, não tendo já mais ninguém para dizer mal, olhou para o espelho e exclamou para si: «Tu tambem estás um bem malandro!»

Isto vem a proposito de uma conversa que ouvi no est'ab' do *barbeiro* onde costumam se reunir o meu simpatico...

A conversa em questão travara-se entre um empregado da casa e um freguês.

— Pois é verdade, sr. Anastacio — dizia o empregado — já faz seis meses que faleceu o marido da D. Felisberta!

— Sobre senhora! respondeu o freguês. — Devia ter sentido uma grande dôr!

— Sim, talvez... — atalhou o empregado com um sorriso ironico de fazer arripiar as barbas.

— O senhor duvida que ela... — E' que eu via a no cemitério, no domingo passado, junto ao jazigo, muito triste, pensativa...

— Então, já vê — acudiu Anastacio — se ela não tivesse sentido a morte do marido, não estaria triste.

— Perdão! — disse o empregado, empunhando a navalha com firmeza. — Ouça o resto. Eu cheguei-me ao pé dela, dei-lhe os pezames e, conforme a delicadeza manda, elogiei o morto.

Ela, então, respondeu-me: «Sim, era realmente a flôr dos esposos!» E continuou a abanar o jazigo. Eu perguntei-lhe, e creio que toda a gente lhe faria a mesma pergunta: «Porque está a abanar o jazigo?» E a viuva respondeu-me: «E' que prometi a meu marido não tornar a casar antes de estar sôa a terra da sua sepultura!»

Eu.



Sobre a nudez forte da carne, o manto diáfano da moda.



— Olhe que este bife tem mau cheiro!

— Perdão; o mau cheiro que se sente aqui, é do peixe que aquele outro freguez está comendo!

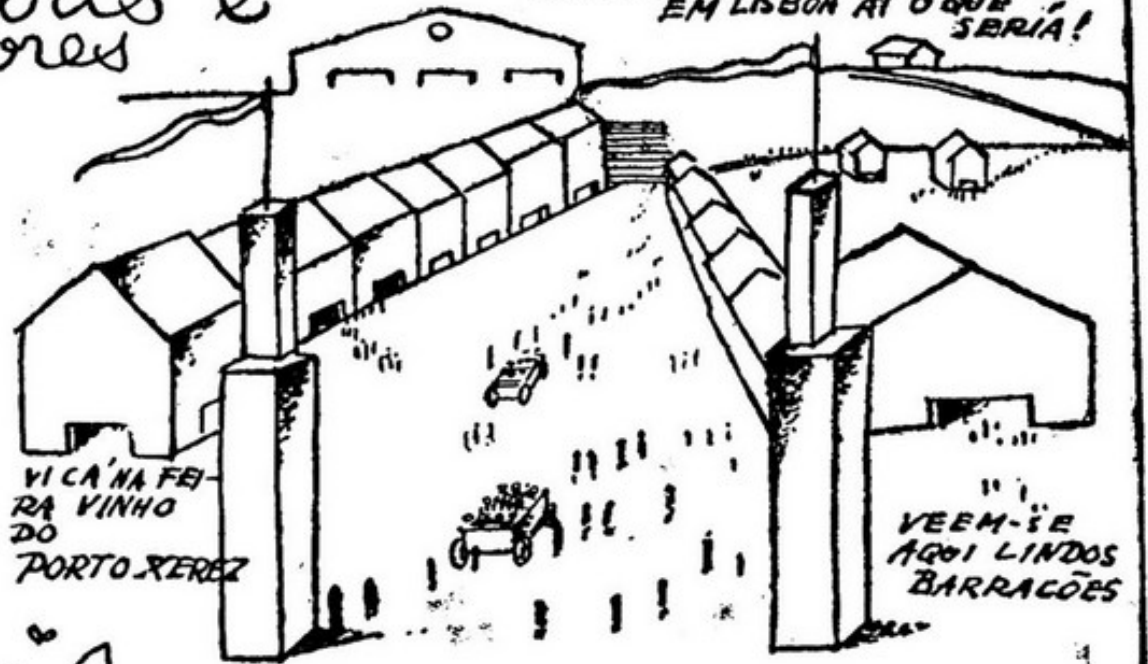
# ECOS DA SEMANA

em Paris e arredores

SE A FEIRA DE PARIS FOSSI EM LISBOA AI O QUE SERIA!



QUANDO QUIZERM UM IDILIO POETICO ACONSELHO - VOS UM PASSEIO AO 'ROBINSON' - SERA UM VERDADEIRO IDILIO DE PASSARINHOS -



VEEM-SE AQUI LINDOS BARRACOES

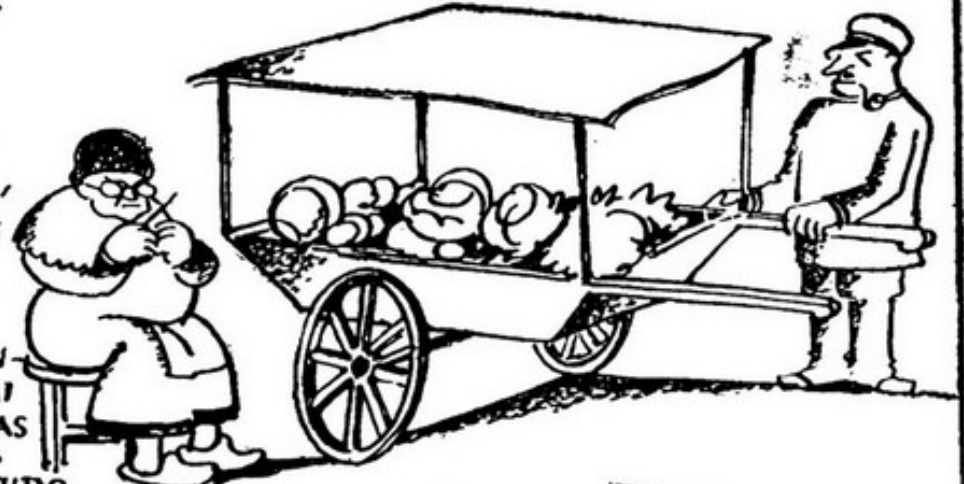
NO 'FAUBOURG DU TEMPLE' SAO AS DEZENAS AS CARRIPANAS COMO ESTA - LISBOETAS NAO SEJAM MAS LINGUAS.

NA 55ª EXPOSICAO CANINA TIVERAM MAIOR SUCESSO OS PEQUENOS CAES. ALEGRAI-VOS, POIS O COMERCIO.

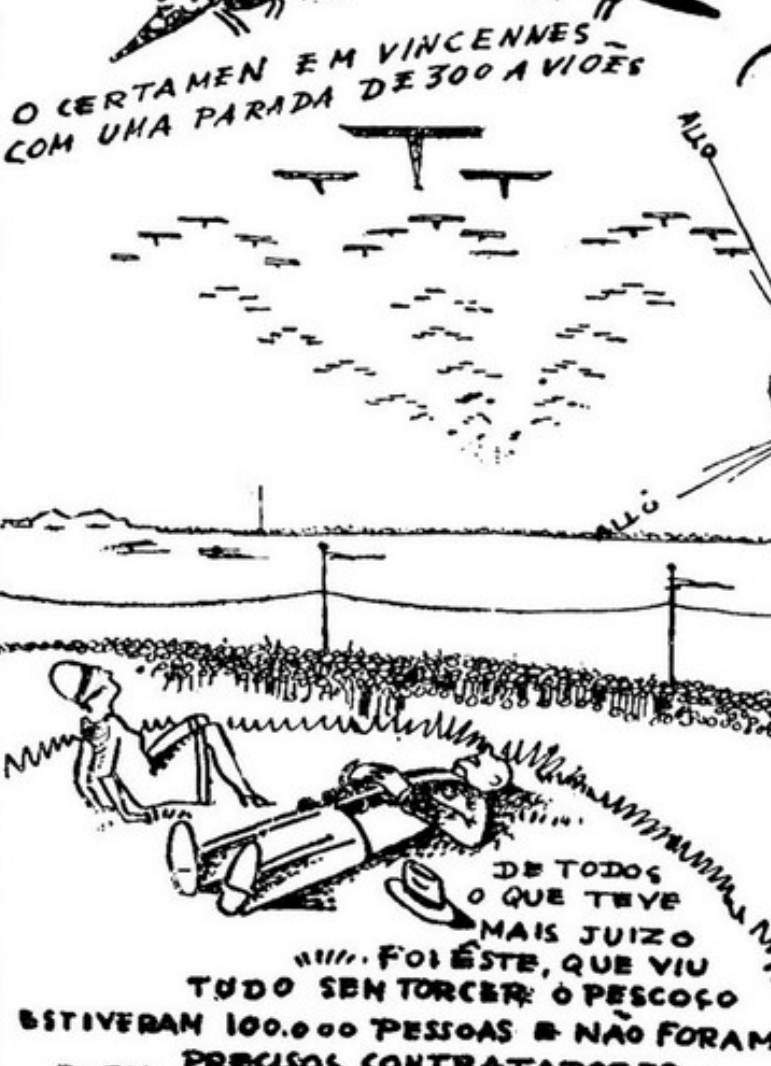


AFINAL POR CA'A CARNE TAMBEM ESTA ASHOSCAS NOS TALHOS

EXISTEM UMAS CASAS DE COMIDAS PARA OS ULTRA-PELINTRAS - UMA PESSOA VAI LA - COMPRA 2 BATATAS COZIDAS, 4 PEIXINHOS FRITOS, 1 SOPA E TUDO POR 8 TOSTOES



O CERTAMEN EM VINCENNES COM UMA PARADA DE 300 A VIOES



DE TODOS O QUE TEVE MAIS JUZO FOI ESTE, QUE VIU TUDO SEM TORCER O PESCOÇO ESTIVERAM 100.000 PESSOAS E NAO FORAM PRECISOS CONTRATADORES -

PARIS MAIO 24

BOTELHO

AQUI AS CORRIDAS DE LONGCHAMP... LEMBRAM MENSO AS DA MARIANA -



O QUE SUCEDE A QUEM VISITA TODAS AS EXPOSICOES

